O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2016 - ANO XX - Nº 236

Foto Arquivo Pró-Memória

Piquete aparece em 126º lugar no Ranking de Eficiência de Municípios elaborado pela Folha de São Paulo, posicionando-se no seleto grupo de 24% de administrações consideradas excelentes, entre as 5.281 cidades brasileiras avaliadas. O REM-F é uma das ferramentas disponíveis na internet para os eleitores avaliarem as atuais administrações municipais no momento de votar.

Não se deixe enganar! Voto não tem preço, mas consequências.

Às vésperas de eleições municipais, com o país mergulhado em profunda crise, a população se prepara para ir às urnas escolher prefeitos e vereadores para administrarem as cidades brasileiras. Não é tarefa fácil. Devemos deixar de lado paixões, discursos demagógicos de velhas raposas políticas, promessas milagrosas e possibilidade de benefícios. Voto não tem preço, mas consequências.

Vivemos momentos tensos de mudanças políticas. O país se encontra mergulhado em uma crise econômica sem precedentes que retirou do mercado de trabalho mais de 12 milhões de brasileiros. Por trás dessa triste estatística encontra-se em destaque a corrupção. Infiltrada na administração pública por políticos inescrupulosos, que buscam o poder apenas para se beneficiar, é o principal fator para o agravamento da crise econômica e a perda da credibilidade do país. Se até alguns anos atrás parecia não haver mecanismos para freá-la, hoje encontramos um trabalho conjunto do Tribunal de Contas da União, do Ministério Público e da Polícia Federal no combate a esse crime. Está em análise em uma comissão especial da Câmara dos Deputados um pacote de medidas conhecido como "As 10 medidas contra a corrupção", apresentado pelo Ministério Público, que merece atenção total do povo.

A posse da atual presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Carmen Lúcia, encheu de esperança as pessoas de bem. A cerimônia teve como pano de fundo a corrupção, mencionada direta e indiretamente em todos os discursos. Foi reconfortante perceber que o Supremo não está alheio ao papel central que exerce no combate à corrupção. Hoje, não se fala em outra coisa no país. A roubalheira é tema em todas as rodas de conversa. Impossível mudar de assunto, principalmente às vésperas de eleição. Pode-se, no máximo, mudar de corrupto.

Evidencia-se, portanto, ainda mais, a necessidade de se escolher candidatos compromissados com a transparência e a ética e com o combate à corrupção. Alinha-se, assim, com o contexto nacional.

Na posse da nova ministra, falando em nome de toda a Corte, o ministro Celso de Mello evocou Ulysses Guimarães: "Não roubar, não deixar roubar, pôr na cadeia quem roube – eis o primeiro mandamento da moral pública".

Hoje vemos grandes empresários, empreiteiros e políticos graúdos sendo investigados, denunciados e colocados na cadeia. Avaliar os candidatos e investigar-lhes a vida pregressa não é mais difícil: o país, em mudança, disponibiliza na internet a folha corrida de todos eles; basta digitar o nome do candidato no site da justiça dos Estados e, "num click", obtemos seus antecedentes.

A fim de auxiliar o eleitor na avaliação da eficiência das atuais administrações, está disponível na internet o Ranking de Eficiência dos Municípios (REM-F). Elaborado pela Folha de S.Paulo, esse ranking aponta quais prefeituras entregam mais serviços básicos à população usando menor volume de recursos financeiros.

Para os piquetenses, é motivo de orgulho evidenciar que a atual adminstração municipal está em 126º lugar entre as 5.281 cidades pesquisadas, posicionando-se no seleto grupo de administrações consideradas excelentes.

Novamente trazendo para a realidade piquetense, vemos, nesses dias que antecedem as eleições municipais, a presença de velhos políticos, com velhos hábitos, buscando ganhar a confiança e o voto do eleitor com promessas que não podem e não têm capacidade de cumprir. Buscam negociar cargos futuros atrelados à possível vitória nas eleições.

É preciso que o eleitor fique atento e analise a capacidade e a seriedade dos candidatos. Além disso, lembremo-nos sempre de que: as raposas mudam de pelo, mas não de hábito.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória

O Exército Brasileiro e a preservação do patrimônio cultural militar

O Exército brasileiro faz-se presente em Piquete desde o início do século 20, quando o Marechal Mallet, Ministro da Guerra do governo Campos Sales, optou pela construção de uma fábrica de pólvora química na região.

A instituição deixou-nos um legado de grande importância histórico-cultural. As primeiras obras militares tiveram início em 1902, com a construção de um ramal férreo ligando a Central do Brasil, em Lorena, até o local escolhido para a instalação dessa fábrica, em Piquete. Em 15 de setembro de 1906, com a presença do Marechal Argollo, ministro da Guerra do governo Rodrigues Alves, inaugurou-se o ramal ferroviário, uma represa e uma usina hidrelétrica, que receberam o nome do Ministro da Guerra e do Presidente da República, respectivamente. A partir de então, um complexo industrial, pioneiro no Brasil foi edificado pelo Exército em tempo recorde. A inauguração da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, histórica para o país, em 15 de março de 1909, contou com a presença do presidente da República, Afonso Pena. Ao longo dos anos essa indústria militar se expandiu tornando-se patrimônio de valor não só bélico, com produtos voltados para a defesa do país, mas também histórico, cultural e social, referência da ação pioneira do Exército na região. Piquete orgulha-se de preservar parte desse patrimônio, referência arquitetônica na região.

Ao se abordar o tema preservação do patrimônio histórico e cultural, faz-se oportuno identificar conceitos atinentes ao uso dos espaços e à sua importância como "lugares de memória", termo utilizado pelo historiador francês Pierre Nora para destacar determinados espaços e temporalidade que acabam por ser exaltados por certos grupos nas sociedades modernas.

Esses *lugares de memória* ganham destacado contexto por tornarem-se parte da memória coletiva de determinado grupo, pois trazem na raíz um passado comum e uma identidade social que fazem o grupo se sentir parte daqueles lugares. Ao buscar, no presente, um local de relevância no contexto histórico, esse espaço remonta à lembrança de um passado que, ainda que distante, consegue retratar fatos e acontecimentos vivenciados naquele local, que comprovam e glorificam o contexto na atualidade.

Foi assim que, ciente da importância desse patrimônio para a Fábrica e para a comunidade piquetense, no início de 2006, ano em que se comemoraria o centenário da inauguração da Usina hidrelétrica Rodrigues Alves, o general Álvaro Henrique Vianna de Moraes, então vice-presidente da IMBEL, reuniu um grupo de trabalho visando a restaurar o prédio da Usina que se encontrava abandonado e deteriorado, e darlhe nova função. Várias reuniões aconteceram na Casa 1, então sede da IMBEL, de que participaram representantes da diretoria da FPV, de funcionários, terceiros e aposentados, além de representantes da Diretoria de Assuntos Culturais do Exército e da Fundação Christiano Rosa. O general Moraes, cidadão de grande espírito público, tendo em mente que cada construção carrega na sua fundação e no seu tempo grande quantidade de informações, significados e vivências que precisam ser desvendados para que não se perca, com o passar do tempo, a consciência histórica. Ao assistir à exposição de parte do acervo documental e fotográfico da Fundação Christiano Rosa sobre a FPV, optou por transformar a antiga usina hidrelétrica em um memorial da Fábrica, utilizando parte do material exposto. A partir de então, tiveram início as reformas do edifício com a colaboração de engenheiros e da mão de obra da própria FPV. Participaram diretamente desse trabalho representantes da Diretoria de Assuntos Culturais do Exército, coordenado pelo coronel Antônio Ferreira Sobrinho, a museóloga Ana Maria O. Miranda e a arquiteta Ten. Carla Cappelleti. Teve importante colaboração nos trabalhos o Cel Alfredo Araújo, que representava o general Moraes no dia a dia.

Em 14 de julho, quando se comemorava mais um aniversário da IMBEL, a comissão formada reuniu-se mais uma vez para avaliar os andamentos dos trabalhos e preparar a inauguração do novo espaço. A qualidade do restauro e reforma do edifício e a instalação do Memorial chamaram a atenção de especialistas por ser algo inédito na região. Surpreendeu, ainda, o design gráfico e a montagem dos painéis do Memorial, que contaram com apoio financeiro da POUPEX. Em Piquete, tornou-se referência e visita obrigatória. A Inauguração em 15 de setembro, data de seu centenário, foi um acontecimento que ficou na memória de todos que puderam participar. Todo o trabalho fez jus ao que preconiza a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército- DPHCEX, guardiã da memória, das tradições e dos valores do Exército Brasileiro. Que outras iniciativas como a do general Moraes aconteçam! Serão bem-vindas e reconhecidas.

GENTE DA CIDADE

Laca

Um piquetense que ama sua cidade e a Fábrica Presidente Vargas – não há melhor forma de definir, em poucas palavras, o Geraldo Pinto de Almeida Filho, muito mais conhecido por Laca. "Quando me enviam convites, por exemplo, já vem como 'Geraldo Laca'", conta, sorrindo.

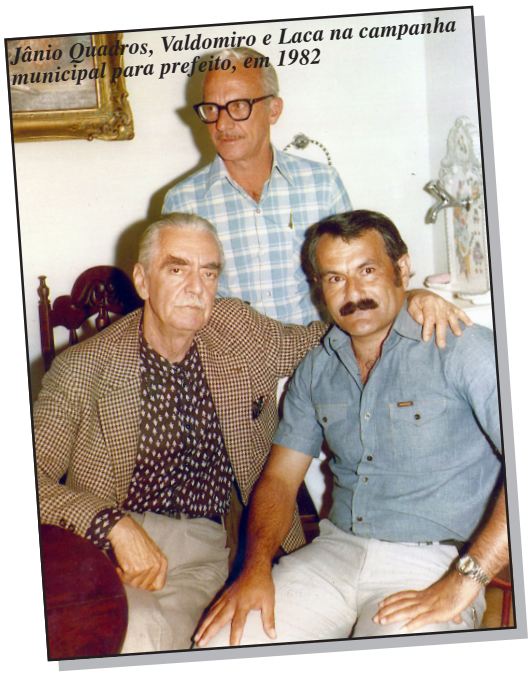
Laca e o irmão, Zequinha, são filhos de Geraldo Pinto de Almeida e Zulmira Valentim de Souza. A família morava no Rio de Janeiro, mas, com a separação dos pais, foram morar com a avó materna, D. Eugênia. A mãe faleceu precocemente, aos 29 anos, e a avó, então, ocupou, definitivamente o importante papel que teve ao longo de toda a vida junto aos netos. "Tenho, ainda, mais três irmãos por parte de pai", complementa.

"Minha infância foi muito feliz. Morávamos na Vila São José e nos mudamos para o Portão da Limeira... Fui alfabetizado pela professora Jesy Junqueira, no Jardim da Infância da Fábrica Presidente Vargas", relata. Do primário, Laca faz menção especial à professora Eunice Fernandes – "sem diminuir os demais, mas, a melhor professora que tive foi D. Eunice", ressalta.

Além da avó, Laca tem como referência Ditinho Azevedo. Ao relatar sua história, por várias vezes faz menção ao padrinho de batismo – "Pessoa a quem devo respeito e que tem toda minha admiração. Foi-me um pai". Foi o padrinho que insistiu para que Laca fizesse o Científico, em Lorena. "Ele queria que eu fosse engenheiro", conta. Mas Laca estava servindo o Exército e os compromissos do ensino e militares conflitavam. Desistiu, então, do curso na cidade vizinha. Iniciava aí o caminho que percorreria por muitos e felizes anos.

Laca serviu no Contingente que ficava dentro da Fábrica Presidente Vargas. "O descarregamento dos vagões com insumos para produção de pólvora era feito pelos soldados. Sempre digo que comecei minha carreira na FPV ainda durante o período do Exército", conta, com um largo sorriso. Logo após dar baixa, ingressou na empresa na qual ficaria por mais de cinco décadas. "Fui indicado por meu padrinho", afirma.

Na Fábrica, foi bombeiro hidráulico por cerca de dez anos. Depois trabalhou na manutenção civil, com o Agenor de Souza, posição em que ficou até 1977. Nessa época, incentivado pelo amigo Daniel de Souza, com quem jogara pelo Estrela Futebol Clube entre 1962 a 1969, fez o curso de Supervisor de Segurança do Trabalho. Foi, então, transferido para o setor de Segurança, onde ficaria até deixar a FPV, em 2014, vinte e sete anos depois de aposentado. "Foi um período do qual me orgulho muito. Foi nessa seção que trabalhei com o melhor chefe que poderia ter, o capitão Mack, de quem sou amigo até hoje e com quem aprendi muito, tanto profissional como pessoalmente".



Jânio Quadros, Valdomiro e Laca na campanha municipal para prefeito, em 1982

Sobre esses mais de cinquenta anos na FPV, Laca afirma que o balanço foi positivo. "Passei momentos difíceis, mas os felizes foram muito mais...", afirma, e, entre orgulhoso e emocionado, enumera: "Nunca perdi um dia de trabalho, foram 52 anos sem punições, fui Mestre no Quadro de Honra, e, em 2004, recebi a Medalha do Pacificador, honraria do Exército que poucos civis têm". Em 2006, lembra, ainda, participou, cantando num coral, da cerimônia de inauguração do Memorial da Usina Rodrigues Alves.

Paralelamente ao trabalho na FPV, Laca formou-se professor primário na Escola Normal do Ginásio Leonor Guimarães e cursou Administração no Instituto de Ensino Superior de Cruzeiro. Lecionou no Leonor Guimarães, em Piquete, e no SEMA, em Cruzeiro. Foi candidato a vereador, em 1978, e a prefeito, nas eleições de 1982, nessa última militando pelo PTB, o partido comandado por Jânio Quadros.

Laca é casado desde 10 de maio de 1969 com Terezinha Márcia Nogueira de Almeida, com quem tem três filhos e quatro netos. Há pouco tempo, dedicou à esposa um quadro em madeira entalhada – hobby a que se dedica desde a aposentadoria – com os dizeres: "Graças a Deus, você entrou em minha vida, Therezinha", em sinal de amor e gratidão àquela, que, destaca, além dos filhos, o ajudou a criar três primos órfãos mais novos. "Tenho muito orgulho de minha família", afirma. "E muito me orgulho, também, de ter nascido em Piquete e de ter jogado no Estrela" – Mais piquetense, impossível!

Votemos consciente e racionalmente

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

A polarização política no Brasil vem atingindo níveis nada saudáveis. Esse extremismo resulta em discussões infrutíferas em que ambos os lados saem perdendo: não chegam a um ponto comum, pois, cegos e parciais, não se permitem avaliar as colocações contrárias.

A paixão é péssima conselheira. Ela nos tolhe o poder de discernimento racional, dando chances a escolhas impetuosas, com consequências imprevisíveis. Em tempos de eleição, a tônica deve ser a análise desapaixonada do currículo e da vida pregressa dos candidatos. Isso, é claro, para aqueles que pretendem eleger alguém visando ao bem comum, ao desenvolvimento de seu município.

Aliada ao interesse particular, a escolha apaixonada é o câncer da sociedade. O voto barganhado por promessas de atendimento a pedidos pessoais evidencia o egoísmo e o desinteresse que tanto prejudicam nossas cidades e, por consequência, numa reação em cadeia, o país.

Em cada eleição municipal, escolhemos quem irá ditar os rumos da cidade em que vivemos. Isso significa assinar um cheque em branco para os eleitos, que poderão decidir como e com o que serão gastos os recursos do município. Tanto o Executivo como o Legislativo têm atribuições legalmente estabelecidas e devem ser avaliados pela capacidade de cumprir essas atribuições e disposição para fazê-lo de forma séria e competente.

Piquete é um município pobre. Do total de seu orçamento, 89% são verbas dos governos estadual e federal, isto é, são recursos direcionados, que não podem ser utilizados a não ser para as finalidades a que foram inicialmente destinadas. Os recursos próprios, apesar de parcos, quando não adequadamente geridos fazem significativa diferença na qualidade dos serviços de responsabilidade municipal.

Neste 2 de outubro, vamos considerar a avaliação racional dos candidatos ao Executivo e ao Legislativo municipal. Pensemos em Piquete e não em interesses particulares. Somente assim garantiremos o progresso para nossa cidade e benefícios que atenderão às necessidades comuns a todos os piquetenses.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Custa pouco ser feliz...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

No mundo atual, em que o individualismo vem imperando, compadecer-se das agruras de alguém é fato cada dia mais raro. Importar-se superficialmente com o sofrimento alheio, porém, tornou-se corriqueiro e "uma solução fácil" para aqueles que acreditam que a caridade imediata – especialmente a financeira – é o de que precisam todos os que passam por dificuldades. Isso, no entanto, basta exclusivamente para aliviar a consciência dos que chamo "caridosos superficiais". Inconscientemente, fugindo da realidade cruel imposta pela desigualdade e falta de humanidade, deixamos de lado a verdadeira compaixão. Substituímos-la pela caridade vazia, aquela por meio da qual atribuímos a outrem a responsabilidade de verdadeiramente agir como cristãos.

A compaixão é das características que mais enobrece o ser humano. A capacidade de se colocar no lugar do menos favorecido, do enfermo, do excluído, é que nos permite agir em seu benefício sem esperar algo em troca, visando exclusivamente ao bem do próximo. O retorno pessoal é o único benefício que se obtém ao se ajudar alguém; e é extremamente benéfico. Traz-nos paz e serenidade e a certeza de que esse é o caminho a se trilhar a fim de se obter felicidade.

Visitar idosos em asilos, enfermos em hospitais (quando possível, é claro) e dedicar-lhes momentos de atenção e carinho são exemplos de ação cujo retorno pessoal é por demais significativo. O trabalho voluntário em diferentes setores – hoje muito bem regulamentado – é outro. Há opções diversas...

A correria dos dias atuais toma-nos o tempo e a vida. Tolhe-nos a convivência familiar e social. Endurece-nos os sentimentos. Rouba-nos a compaixão... Num resumo, leva-nos a essência da vida, que é – por mais óbvio que pareça – bem viver. A necessidade de acumular riquezas materiais, contraditoriamente, torna-nos miseráveis espiritualmente. O desapego – sem demagogias, ressalte-se – transforma-nos em pessoas mais sociáveis, menos fúteis e, certamente, mais felizes.

Experimentemos, portanto, a doação sincera, a compaixão. A felicidade custa-nos muito menos do que o consumismo nos mostra. A vida nos recompensará, estejamos certos!

Não era ele

São ignorantes. Ignoram de onde vêm. Ignoram o que são. Em sua frente somente espelhos. Lá estão eles mesmos, refletidos e reais. Nos quartéis foram instruídos a se odiar. E aprenderam quando a bota lhes calcou os maxilares empurrando-os até o chão enquanto se esforçavam em levantar. Pague dez! Pague cem! O ódio cresceu-lhes na alma. No âmago de seus seres havia um dragão enfurecido que dormia. Sob pressão, este aflorou-lhes. Escamas de poder brotaram entre galões e distintivos instigando-os a se mostrarem e a se sentirem superiores. O que nunca foram nem jamais serão. São apenas iguais. Apenas espelhos.

Atiram, porém, em si mesmos. Espalham pimenta. Lançam bombas de fumaça. Seus olhos no espelho, vermelhos-sangue, lacrimejam de ardência e dor. Seus ouvidos ficam surdos pelo ribombar dos petardos que atiram em seus próprios corpos nos reflexos de quem são. Seus gritos se fazem ouvir pelos becos e vielas. Um deles vê a si próprio a pedir um mundo melhor. Lê nas faixas e nos cartazes ainda brancos antes do sangue tingir-lhes as cores. Mas ele não se tolera na visão de outro. Odeia sua própria condição. Saca então a arma. Como um cão bravio que viveu sempre preso, puxa o gatilho. A bala de borracha traça um caminho sinuoso no ar e arrebenta o crânio do jovem. Do jovem que é ele mesmo, que é seu filho e que é seu irmão. Ele se vê a rodopiar lentamente e cair no asfalto. Vê o sangue de suas veias e de seu povo a escorrer lentamente na faixa amarela que divide as vias. Na sua mente, apenas o matraquear do comandante: atire, bata, fira, odeie, golpeie, mate. Cego pela glória e intimidado pela obediência devida, ele executa.

Para sua imagem no espelho uma vontade: vê-la quebrada. É ele que mais odeia. O do espelho. Ele o é, mas ensinaram a não o ser. Ele quer ser apenas um monte de cacos estilhaçados espalhados pelo asfalto ou entre as mesas daquele bar no Batata. Mas não adianta quebrar o espelho que é sua imagem. Existem centenas deles. Milhares. Espelhos andam pelas ruas. Mais de duzentos milhões naqueles cem mil que ali estão. Pedem justiça. Pedem paz. Ao policial os espelhos se alinham. Estavam encurralados. Ele se vê no Zé, no João, no Pedro, no Paulo. Mas todos são ele. Têm medo. Mas o medo não é maior que a vontade de mudar. Ele se vê também naqueles espelhos medrosos. Então ele levanta o escudo e empurra a sua intrínseca vida. Na sua mão direita o cassetete bate. "Dê nas costas!", grita o sargento. "Dê no lombo!", berra o tenente. Ele bate sem dó. Sabe que a dor em seu próprio corpo virá mais tarde. Não agora. Agora é ser cão. Agora é ser bicho. Agora é ser vazio. Agora é ignorar. Sua vida é ignorar: quem é, quem será, o que faz.

A noite termina. No ar o acre sabor da pimenta e do gás. As praças e bancos salpicados de sangue. Seu próprio sangue. Aqui e ali ele vê seu corpo sendo puxado para viaturas. Irão sofrer ainda em algum recanto remoto. São espelhos destroçados. Mulheres com roupa rasgada. Crianças chorando. Ele vê seu filho pequeno. Vê sua mulher frágil. Observa ali no meio seu pai idoso. Mas o ódio ainda ferve em suas veias. Balança sua cabeça para tirar a imagem dos seus. Enxerga apenas os dedos apontados para sua face. Seus próprios dedos. Seu velho sorri com a boca vermelha e os dentes quebrados por uma pancada. Pergunta: por que meu filho? Somos sua família. Queremos seu bem. Lutamos por você. Ele então vê a ele mesmo a sorrir de sua ignorância. A cobrar-lhe um passado recente. É hora de ir.

Sua escama de ódio fica no quartel. Sua roupa é alvo onde passa. Sai à paisana. Não pode pagar um ônibus porque qualquer tostão irá lhe fazer falta. Passa na padaria sempre aberta e pede um trago ou um café. O dono o reconhece e lhe oferece gratuitamente. Sem lhe dizer pensa: é um pobre coitado. Na TV sobre o balcão apenas as cenas de agressão. A locutora do jornal diz que vândalos foram rechaçados. Ele se acha um herói. Mas no fundo d'alma não se lembra de ato de vandalismo. Mas se foi dito nessa TV, existiu! O coletivo número um passa. Ele pede carona. No segundo ele entra e avisa em voz baixa que é um policial. Falar alto pode ser seu fim. Na marginal de muitas pistas ele pede carona com uma pequena lanterna na mão. Um caminhoneiro solidário o leva. Na periferia da grande metrópole ele chega já no meio da madrugada. A favela se torna até bonita com o dourado que o dia preguiçoso traz. Difícil dormir. Beija a filha. Deita-se ao lado da mulher. O olhar se fixa no teto. As imagens dele mesmo ensanguentado pelas ruas. Prefere de levantar e ir comprar pão.

Nas vielas tortas e sujas ele encontra alguns vizinhos que chegam machucados e feridos de alguma festa ou do trabalho. Enxugam seus rostos com panos, vermelhos de tanto sangue. Neles não se lê mais os dizeres. Gente como ele. Trabalhadores que lutam o dia a dia. Espelhos. Então ele, orgulhoso e ignorante, pensa em quais seriam os bandidos que fizeram isso com os seus próximos. E se sente feliz porque ajudou a combater a turba na noite anterior. Compra seu pão no barzinho que nunca fecha e com o qual é obrigado a conviver no cotidiano. Volta pra casa. Sabia que não era ele. Não era. Não podia ser ele. Ignorante e quase feliz.

Luiz Flávio Rodrigues

Fotos Arquivo Pró-Memória

Como escolher um candidato

Os prefeitos e vereadores eleitos no próximo dia 2 de outubro farão parte da vida de todos os eleitores, mesmo dos que que não votarão neles. Eles integrarão a comunidade. Serão os protagonistas da vida de cada eleitor. Daí a importância de escolher bem em quem votar para ocupar esses cargos municipais.

Se o eleitor souber escolher bem os candidatos, a boa gestão pública será parte integrante de seu dia a dia através de melhor educação e saúde, de melhores oportunidades de desenvolvimento, de políticas públicas diversas, como, por exemplo, de preservação de meio ambiente, essencial para a qualidade de vida.

Na política, muitos se utilizam das eleições municipais como um trampolim para o acúmulo de riqueza à custa do povo. Como escolher, portanto, bons candidatos a prefeito e vereador?

É importante informar-se da vida passada do candidato: examine o testemunho que ele dá em sua comunidade. Se ele já exerceu ou exerce algum cargo eletivo, procure se informar como foi sua atuação. Verifique, ainda, se ele está ou esteve envolvido em processos de corrupção.

As eleições municipais serão em poucos dias. O ocupante do cargo de prefeito ou de vereador é um procurador que, em nosso nome, exercerá o mandato fixando normas e diretrizes para a comunidade.

Assim, os candidatos eleitos deverão estar perfeitamente sintonizados com o pensamento, as ideias e os valores do eleitor.

Convenção do clima para uso doméstico

Nossos animados professores de geografia nos informam da influência das correntes marítimas na costa oeste da América do Sul, sobre os gases das erupções vulcânicas e sobre o degelo do Ártico. E o dos Andes.

A Comunidade internacional esconde, todavia, dos espirituosos alunos que se preparam para ingressar no curso superior o que acontece na atmosfera terrestre quando um míssil intercepta o míssil inimigo; quais são, na realidade, os componentes de uma arma química; quais são as consequências de uma experiência nuclear malsucedida.

Os grandes do mundo se reúnem e falam em desmatamento e combustíveis fósseis.

Todos sabemos do problema de Israel com as colinas de Golã (Síria).

Pois Israel acaba de receber uma ajuda vultosa dos Estados Unidos para garantir seu poder bélico.

Toda a Península Coreana é menor do que o Estado de São Paulo.

Diante da Península está o Arquipélago Japonês.

Uma falha nas experiências nucleares do idiossincrático líder da Coréia do Norte não poderá inviabilizar toda a Coréia do Sul e deitar por terra as conquistas do Japão?

Como ninguém dá uma resposta razoável, o melhor é criar um plano para orientar um comportamento que traduza responsabilidade.

O primeiro passo é conversar com nossos amigos russos e canadenses e combinar manter uma área florestada proporcional à superfície de nossos países.

O segundo passo nos fará percorrer os paralelos que limitam a nossa área tropical e a dos países americanos; da mesma forma, procurar convencer os países africanos e os do Índico a manter em pé uma área de floresta tropical de acordo com suas dimensões territoriais.

O terceiro passo será convencer os nossos parceiros a buscar combustíveis não poluentes com trocas espontâneas dos resultados das pesquisas.

É o que nos cabe propor porque temos problemas internos para resolver.

Desde D. Pedro II muitas foram as tentativas para solucionar o problema do semiárido. Creio que chegou a hora de acertar.

Já sabemos quais as consequências do aquecimento e do resfriamento das águas do Pacífico. Já sabemos quais são as áreas afetadas por El Niño e La Niña.

A proposta é engajar a sociedade civil nos comitês de bacias dos rios de áreas separadas de acordo com fatores que imprimam diferenças decisivas.

O tamanho dos aquíferos (O Brasil tem aquíferos gigantes como o Guarani e o Alter do Chão; e menores como o Cabeças e o Açu); o estoque de águas da superfície; o índice pluviométrico; a natureza do terreno; a declividade do curso do rio e das áreas do entorno.

Assim, seria de bom alvitre estabelecer estudos diferentes para criar projetos para Maranhão – Piauí; Ceará – Rio Grande do Norte – Paraíba; Pernambuco – Alagoas – Sergipe; Raso da Catarina; Jequitinhonha – Mucuri.

Grande satisfação me trouxe a resposta de um sertanejo a um repórter.

– Quem trouxe esta facilidade para o senhor? (placas solares).

– Foi o menino da Universidade.

A confiança na ciência e na tecnologia é meio caminho andado. A Universidade, a Assistência Técnica, os Institutos de Pesquisa devem estar sempre presentes em todas as decisões.

O ponto em que se deve insistir, porque é geralmente esquecido, é que os aquíferos brasileiros são renováveis – na estação chuvosa se refaz o volume de água para garantir o afloramento. Com o descuido das zonas de recarga, os rios secam.

Subamos ao Monte Horeb.

– proteção das nascentes do rio principal e dos afluentes;

– mata ciliar – vegetação nativa como nas nascentes;

– carvão e celulose só de matas plantadas (áreas delimitadas com intervalos de mata nativa);

– água é fonte de vida – evitar contaminação;

– calendário da seca – estoque de água e alimento – não plantar para perder;

– plano para o manejo dos animais – levar para outros pastos, vender, consumir – é crime deixar morrer de sede e fome;

– manejo de água – canais, adutoras, braços de rio – evitar a evaporação;

– análise da água – filtração e dessalinização.

Comunidades responsáveis contabilizam acertos. Levam seus erros para a prancheta, analisam e seguem em busca de novos acertos. A nenhuma comunidade é concedido o direito de ser mera espectadora de seu destino.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

A viagem...

Palmyro Masiero

A senhora chegou à estação rodoviária com quatro crianças, uma mala, duas bolsas grandes e outra média pendurada ao ombro. Repartia-se em atenções: na bagagem e na molecada correndo no meio daquela balbúrdia de gente andando apressada pra todo lado.

A entrada no coletivo não foi ordeira. Primeiro colocar os petizes pra dentro, depois mala e bolsas e procurar passagens que deram sumiço. Lá dentro a turminha tinha escolhido cada um seu lugar preferido. Outros usuários vão entrando e uns, mais compreensivos, falam com carinho com o sentadinho no banco errado. Alguns, frutos característicos da época, esqueceram-se de que foram crianças e tocam-nas pra fora de seus lugares não muito delicadamente. Gente entrando, empurrando desesperada para tomar assento na poltrona numerada, só dela. A mulher às voltas com a colocação da mala e bolsas em cima, no porta-bagagens. Problemas iniciais resolvidos, chamada geral ao batalhão que teria que se acomodar em apenas dois lugares. Mal-feito é ônibus ter somente uma janela por banco, quando quatro crianças a disputam. A diplomacia materna resolve o impasse.

Viagem iniciada. Carinhas achatadas à janela. Despedidas a desconhecidos com as mãozinhas. Mão de um bate, sem querer, no rosto de outro. É dada a partida para um pequeno toma-lá-dá-cá no banco composto de um adulto e quatro menores. Novamente a sabedoria da mãe põe fim ao estado belígero. Estrada. Olha o cavalo! Olha o boi! As novidades paisagísticas esgotaram-se.

Este não fica mais sentado. Aquele já ficou em pé no banco e começa a mexer no dorminhoco do banco traseiro. Outro procurava coisa nova dentro do carro. Volta comendo biscoito ganho de quem só ele sabe. A menina também quer biscoito. Não tem biscoito. O que trouxe comeu rapidamente para não ter que dividi-lo com os outros. Volta a parlamentação da mãe para a solução do caso.

O biscoteiro continua as buscas pelo carro. Resolve aprender a dirigir ou ajudar o motorista. Mexe no câmbio, nos papéis, desce a escada... Por fim, o motorista solicita à mãe para segurar o menino. Bem, um puxão de orelhas não causa traumas futuros em ninguém. Agora o choro é alto. Aos ouvidos dela nada representa. Irritados ficam os outros passageiros. Até um palavrão dito meio sussurrado foi ouvido.

– Mãe, quero ir ao banheiro!

– Aqui não tem. Quando chegar, você vai.

– Mas eu quero agora!

– Aqui não tem jeito. Espera mais um pouco.

– Mas está saindo, mãe!

Estava mesmo. Ela desceu a calcinha da menina no espaço limitadíssimo entre os garotos, retirou um pano de dentro da bolsa, pegou do piso o que a meninazinha não conseguira segurar, estendeu a sobra para que ela ali se desfizesse. Foi um abre-janelas geral no transporte. Tranquilamente, a senhora limpou a garotinha, embrulhou em outro pano e colocou tudo aquilo dentro de um saco plástico, metendo-o dentro da bolsa.

Houve momentos de quietude. O carro corria. O cabeludinho que dormia com a cabeça recostada no porta-braço acorda vomitando. Mais pano, mais limpeza. Somente três dos pequenos estavam no lugar. Havia muito um já tinha desaparecido. Fizera amizade com um velho lá dos bancos traseiros, conversava animadamente, alheio aos acontecimentos dianteiros. A jovem mãe viajava tranquila.

Finalmente chegaram ao destino. Anarquia no descer. Se iam para casa ou a passeio, ignoro. Uma coisa, entretanto, me despertou diante de tanta calma e diplomacia: vamos colocar mãe na Secretaria Geral da ONU?

São Miguel Arcanjo

Em hebraico, Miguel significa "*aquele que é similar a Deus*", interpretado como uma pergunta retórica: "Quem como Deus?", para a qual se espera uma resposta negativa, ou seja: "ninguém é como Deus". Assim, Miguel é também um símbolo de humildade perante Deus.

Os santuários cristãos em honra a Miguel começaram a aparecer no século IV, quando ele era percebido como um anjo de cura, e, com o tempo, como protetor e líder do exército de Deus contra as forças do mal. Já no século VI, a devoção a São Miguel havia se espalhado tanto no oriente quanto no ocidente.

Em Piquete, São Miguel é o padroeiro da cidade e a Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade católica na data de sua devoção.

Ao lado, imagem de São Miguel Arcanjo, em madeira, pertencente à igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Cunha/SP.

Reunião de projeto do Memorial da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, em 2006

Exposição no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", em 2009

Com o primo Chico Máximo, em atividades da Fundação Christiano Rosa, em 2012

Fotos Arquivo Pró-Memória

Memorial dos Moradores de Piquete

Dóli de Castro Ferreira - uma insígne piquetense

Muitos leitores d'O ESTAFETA sentiram a ausência dos textos da professora Dóli de Castro Ferreira na edição passada, que, por se encontrar em tratamento médico na capital do Estado, deixará, temporariamente, de escrever. Torcemos pela seu pronto restabelecimento e para que, o mais brevemente possível, possa voltar a enriquecer este informativo com seus textos, para deleite de seus leitores.

Para preencher a lacuna provisoriamente deixada pela professora Dóli, emprestamos-lhe o título da coluna por ela criada já nas primeiras edições deste O ESTAFETA – "Memorial dos Moradores de Piquete" – com o intuito de prestar uma homenagem a essa insigne piquetense.

Após o término do Magistério, cursado na Escola Normal Livre Duque de Caxias, em Piquete, em 1952, da qual foi aluna da primeira turma, mudou-se para São Paulo, onde frequentou a faculdade de Geografia e História na Universidade de São Paulo. Formada em 1956, iniciou-se nas lides do Magistério, tornando-se referência em Geografia para gerações de alunos. Paralelamente à carreira de professora, desenvolveu intensa vida de estudos e pesquisas em Ciências Humanas.

Participante ativa de inúmeras instituições e academias, pautou sua vida sempre no trabalho intelectual, destacando-se em diversas áreas das Letras, seja como cronista, poeta, ensaísta, tradutora, pesquisadora ou historiadora. Membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e da Academia Cristã de Letras, faz parte, ainda, do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) e da Fundação Christiano Rosa – desta última, colaboradora e incentivadora desde a sua instituição.

Apaixonada pela Geografia, por diversas vezes pudemos testemunhar o seu fascínio pela paisagem mantiqueira ao apontar os diversos acidentes geográficos e as mudanças morfológicas que a caracterizam. Seus textos, sempre bem elaborados, são testemunhos de uma intelectual profícua, colaboradora de diversos jornais, informativos e revistas especializadas, tanto de São Paulo, onde reside, como em Piquete e Vale do Paraíba.

Em "Memorial dos Moradores de Piquete" deste mês, homenageamos essa educadora lembrando que há pessoas que vivem de ensinar. Essas merecem os nossos parabéns e todo o nosso respeito, pela escolha de uma das profissões mais nobres que se pode ter. Outras pessoas, bem mais raras, vivem para ensinar. Essas merecem mais do que parabéns e respeito. Merecem ser reverenciadas porque souberam fazer da profissão um sacerdócio ao qual dedicam a vida, com total desprendimento, fé e generosidade. Este é o caso da professora Dóli.

Enxergamos as aparências. Deus vê o coração.

Nas idas e vindas às comunidades rurais, é muito comum que, ao passar com o fusca pelas estradas de chão, alguém estenda a mão pedindo carona. Não há outra condução naquela longínqua região da Bocaina. Para mim é um bem, pois tenho muito sono ao volante e uma boa conversa me deixa desperto. Além disso, é sempre ocasião de troca, diálogo e aprendizagem. Nos primeiros anos de missão em Silveiras, a caminho de uma comunidade rural, ofereci carona a uma senhora que caminhava naquela empoeirada estrada. Íamos falando de muitas coisas, conversávamos sobre política, era tempo de eleições municipais. Estava fazendo suas análises. Esse é sempre um assunto muito presente nessas cidades pequeninas. Sem dar sinais de que mudaria a conversa, ela me perguntou: seu padre é pecado ter dois homens? Prontamente respondi que sim. Acrescentei em seguida: um pecado muito grave. Ela ficou muito triste, baixou a cabeça e, envergonhada, silenciou-se. Percebi que tinha sido muito rigoroso. Após algum tempo ouvindo apenas o ronco do motor do carro, indiscretamente perguntei: "A senhora tem dois homens?". Ela disse: "Tenho sim – meu marido e um rapaz que foi meu namorado quando jovem". Mas se vive assim, porque não se separa de seu marido? "Não sei", respondeu-me. "Acho que amo os dois". Então quem ficou em silêncio fui eu. Silêncio exterior. Eem pensamento não deixava de estranhar aquela situação.

Passados alguns anos, fui à Santa Casa visitar alguns enfermos. Ministrei a Unção aos que tinham solicitado. Como havia muita gente internada naquele dia, passei pelos quartos para desejar melhoras aos demais. Ela estava lá, com o seu segundo homem, cuidando dele. Conversei um pouquinho, os abençoei e parti. Dias depois ele faleceu, tinha cirrose. Era um alcoólatra. Conhecia-o bem, nunca o vi sóbrio, sempre sujo e maltrapilho. Ela o amou até o fim. Depois tive conhecimento de que também era uma boa esposa e cuidava muito bem de sua família.

Nunca consegui abandonar totalmente a ideia de que aquela senhora havia construído uma história marcada por um grande pecado, mas fui aprendendo que o amor possui caminhos que nós não conhecemos bem, que o amor é generoso e, mesmo que as coisas não sejam tão regradas, ele pode florescer e produzir bons frutos.

No livro de Josué, que narra como o povo de Israel conquistou a terra de Canaã, há uma história muito bonita. Josué enviou a Jericó dois espiões dizendo: "Vão e vejam a terra de Jericó". Eles foram e entraram na casa de uma prostituta chamada Raab e aí pernoitaram. Quando o rei de Jericó soube da presença dos espiões, mandou dizer a Raab: "Faça sair os homens que vieram a você e que entraram em sua casa, pois são espiões". A prostituta escondeu os dois homens e disse aos enviados do rei: "Sim, eles vieram a mim, mas não sabia de onde eles eram. Como a porta da cidade estava para se fechar à noite, os homens saíram e não sei para onde foram".

Raab, a prostituta de Jericó, no primeiro capítulo do evangelho de Mateus, aparece entre as mulheres honradas na genealogia de Jesus. Para que o povo de Israel conquistasse a Terra de Canaã, Deus contou com a ajuda de uma "rapariga". Vez ou outra parece-me que a Bíblia é menos exigente do que eu fui com aquela mulher. A bondade de Deus é maior que a nossa. Nós olhamos as aparências, Deus conhece o coração de cada pessoa.

Pe. Fabrício Beckmann

Bons projetos podem mudar cidades

Quais critérios nós, moradores de uma cidade pequena como Piquete, deveríamos utilizar na escolha de um candidato a vereador ou prefeito? A pergunta certamente é um tanto presunçosa – numa democracia, os cidadãos têm o direito de votar da forma como bem entendem. No entanto, tendo em vista as funções atribuídas aos cargos citados, podemos, sim, refletir sobre quais posturas dos governantes frente a essas atribuições podem nos garantir acesso a cada vez mais políticas públicas de qualidade.

As funções de um vereador costumam ser repetidas aos quatro ventos. No entanto, a se julgar pelas promessas dos candidatos e expectativas dos eleitores, poucos compreendem de fato quais são elas. Pode-se dizer que as responsabilidades legais de um vereador são duas: fiscalização do Executivo e legislação municipal. A primeira função credita a ele o papel de fiscalizar não só o prefeito e suas contas, mas também os serviços públicos que são ofertados pela Prefeitura. Logo, o vereador deve não só analisar os orçamentos e as prestações de contas dos órgãos públicos municipais, mas também observar como as políticas públicas de saúde, educação e saneamento, por exemplo, estão sendo oferecidas à população.

Além dessa tarefa de fiscalização, o vereador, como membro do legislativo municipal, possui a responsabilidade legal de criar, modificar ou suprimir leis. É importante destacar, aqui, o potencial transformador de um mandato: um vereador com uma boa leitura da cidade pode construir legados aos futuros cidadãos. Como as leis orientam e constrangem a ação de um prefeito, um representante que consegue transformar em lei, por exemplo, a destinação de um mínimo de recurso para certa área ou a criação de uma política para determinado segmento social deixa à cidade uma herança que perdurará muito além de seus quatro anos de mandato. Daí a importância de escolhermos candidatos com projetos de cidade e não prestadores de favores. Um vereador que transforma direitos sociais, pelos quais ele deveria empenhar seu mandato por garantir, em favores individuais, não só deixa de legar heranças ao município como também se prende a uma lógica eleitoral prejudicial aos cidadãos: se são as consultas médicas arranjadas ou o furar da fila da creche, por exemplo, que lhe garantem votos, não há porque se empenhar na melhoria dos serviços de saúde e educação.

No que tange ao Executivo municipal, sua atribuição é gerenciar os recursos financeiros e aplicá-los conforme seu projeto político, sempre observando as legislações. No Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, é papel de um prefeito cuidar das políticas nas áreas de saúde, educação e saneamento. Portanto, ainda que possamos cobrar ações laterais nas áreas de segurança e educação superior, por exemplo, a margem de ação desses é muito reduzida, dado que essas são atribuições dos governos estaduais e federal. Tratando-se exclusivamente de Piquete, temos um quadro característico de municípios pequenos. Dispomos de pouquíssimas fontes internas de recursos e dependemos, quase que exclusivamente, de transferências estaduais e federais. Essa condição nos mantém sempre à beira de um abismo: se um gestor não administra bem os recursos que recebe do estado e da União, vê-se incapaz de garantir o mínimo como médico nos postos de saúde e merenda nas escolas – quadro crítico que nossa cidade já experimentou.

Em suma, tendo em vista as responsabilidades dos cargos e os projetos apresentados pelos candidatos, cabe-nos escolher o vereador e o prefeito que, segundo nossa consciência, apresenta as melhores e mais capazes visões do município. Bons projetos podem mudar cidades. Atentemo-nos a isso!

Rafael Domingues de Lima

Fotos Arquivo Pró-Memória

IDEB e REM-F Piquete tem muito a comemorar!

Laura Chaves

No dia 08 de setembro de 2016, o Inep (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) divulgou o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – de todos os municípios do Brasil.

Em nível nacional, não há muito que se comemorar, pois houve uma estagnação na aprendizagem dos estudantes, sobretudo no Ensino Médio.

O índice é um indicador extraído de dois aspectos igualmente importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações.

O IDEB tem uma série histórica de resultados iniciada em 2005, a partir de quando foram estabelecidas metas bienais de qualidade a serem atingidas por escolas, municípios e unidades da Federação.

No que diz respeito ao município de Piquete, pode-se observar, ao longo desses 10 anos, uma melhora importante, especialmente das escolas da rede municipal.

As escolas estaduais de Piquete, anos finais do ensino fundamental, apresentaram em 2005 o índice de 3.5 e, em 2015, atingiram 4.6, inferior à meta projetada, de 4.7. Os avanços, ao longo dos 10 anos, mostram-se tímidos, geralmente de 2 pontos. Algo precisa ser feito para acelerar o alcance das metas e da desejada qualidade nesse setor estadual.

As escolas municipais, por sua vez, em 2005, anos iniciais do ensino fundamental, apresentaram um índice de 4.7. Em 2015, o índice avançou para 6.3, superando a meta estabelecida que é de 6.0. Neste caso, chama a nossa atenção que, em dois anos apenas, as escolas municipais subiram 10 pontos, pois em 2013 o índice era de 5.3 – portanto, abaixo da meta.

Esse dado vem corroborar outro recente: o Ranking de Eficiência dos Municípios Brasileiros (REM-F), elaborado pelo jornal Folha de S.Paulo, que classificou os municípios brasileiros tendo em vista os melhores resultados em saúde, educação e saneamento gastando menos, mostra que Piquete está em 126º na classificação geral, entre mais de 5.000 munícipios analisados. Um excelente resultado!

Os piquetenses têm, portanto, dois bons motivos para comemorar e também para analisar o que vem sendo feito e que parece estar dando certo, assim como para avaliar o que ainda pode ser feito. É preciso que haja união de esforços, preferencialmente de forma colaborativa, para que as duas redes de ensino avancem e a qualidade da educação do munícipio seja para todos, porque qualidade para poucos é evidência de privilégio. ***Laura Chaves***